



EMPODERAMENTO NO PROGRAMA “MULHERES SIM” DO IFSC

EMPOWERMENT IN THE IFSC WOMEN’S PROGRAM

Recebido em 18.07.2018. Aprovado em 17.08.2018

Avaliado pelo sistema *double blind review*

DOI: <http://dx.doi.org/10.12712/rpca.v12i3.12606>

Jacir Leonir Casagrande

jacir.unisul@gmail.com

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis/SC, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-5764-3002>

Nei Antonio Nunes

nei.nunes@unisul.br

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis/SC, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0003-2744>

Juliana Pereira Michels

julianapmichels@gmail.com

Universidade do Sul de Santa Catarina (UNISUL), Florianópolis/SC, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-0535-1649>

Paula Clarissa de Souza

paula.souza@ifsc.edu.br

Instituto Federal de Santa Catarina (IFSC) , Florianópolis/SC, BRASIL

<https://orcid.org/0000-0002-5388-5792>

Resumo

Este estudo se propôs analisar o Programa Mulheres Sim desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina, como prática de empoderamento. Partiu-se do constructo do empoderamento cunhado por Paulo Freire (1969), como um movimento com o propósito de desenvolver a consciência crítica dos sujeitos contemporâneos, de modo a promover a maior liberdade e o poder de participação na sociedade. A pesquisa se caracterizou como estudo de caso, com abordagem qualitativa e quanto ao objetivo, como descritiva e exploratória. Os dados foram coletados através de pesquisa documental, observação participante e entrevista semiestruturada e foi desenvolvida uma análise de conteúdo. A pesquisa revelou que o Programa elevou a autoestima, o reconhecimento subjetivo e comunitário e a valorização das potencialidades das mulheres enquanto sujeitos. Isto é, a maior liberdade, autonomia e postura crítica e ativa das participantes do projeto, verificadas na investigação, ratificam o paulatino processo individual e coletivo de empoderamento.

Palavras-chave: Mulheres Sim. Empoderamento. Autoestima. Consciência Crítica.

Abstract

This study aimed to analyze the Sim Women Program developed by the Federal Institute of Santa Catarina, as a practice of empowerment. It was based on the construct of empowerment coined by Paulo Freire (1969), as a movement with the purpose of developing the critical awareness of contemporary subjects, in order to promote greater freedom and participation power in society. The research was characterized as a case study, with a qualitative and objective approach, as descriptive and exploratory. Data were collected through documentary research, participant observation and semi-structured interview, and a content analysis was developed. The research revealed that the Program raised self-esteem, subjective and community recognition and appreciation of the potential of women as subjects. That is, the greater freedom, autonomy and critical and active posture of the project participants, verified in the research, confirm the gradual individual and collective process of empowerment.

Keywords: Women Yes. Empowerment. Self esteem. Critical Consciousness.

Introdução

O incentivo à geração e à aplicação de inovações provenientes das universidades é um fato recente e aquém da importância do conhecimento que é produzido dentro dessas instituições, parte da sua essência e cultura. Para Juliani (2015), a cultura universitária possui entraves que precisam ser superados para que essas instituições possam acompanhar e buscar soluções em conjunto com outras organizações da comunidade. Um dos caminhos para esse contato mais direto buscado na superação, pode ser encontrado na extensão.

A extensão pode ser entendida como uma prática acadêmica que interliga a universidade, nas suas atividades de ensino e de pesquisa, com as demandas da maioria da população e que possibilita a formação do profissional cidadão e se vincula cada vez mais à sociedade como espaço privilegiado de produção do conhecimento significativo para a superação das desigualdades sociais existentes (FORPROEX, 2012).

As políticas públicas e os projetos de extensão das instituições de ensino desenvolvidos para atender a comunidade, possuem papel importante na consolidação de práticas de transferência e produção de conhecimento, para fins de emancipação dos sujeitos envolvidos (CASTRO, 2004). Os projetos de extensão possuem potencial de concretizar práticas acadêmicas essenciais num espaço estratégico, criando mecanismos que favoreçam a aproximação dos sujeitos, a multidisciplinaridade e a promoção de uma consciência cidadã e humana, formando assim sujeitos de mudança, capazes de uma postura mais crítica e ativa diante dos desafios do mundo atual.

Partindo deste pressuposto, o presente estudo terá como base o programa Mulheres Sim, desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina - IFSC, uma instituição pública da rede federal de ensino. O Mulheres Sim é um programa de extensão, composto por quatro projetos: Educação e Gênero ou Geração de Renda, Feira de Economia Solidária, Ciclo de Oficinas e Acompanhamento das egressas. O Programa Mulheres SIM busca a valorização da mulher, o acesso aos direitos, cidadania e possibilidades de geração de renda, ou seja, o empoderamento feminino, na perspectiva de Paulo Freire (1969 e 1981).

O programa é destinado às mulheres que possuem mais de 15 anos, em situação de vulnerabilidade social e com baixa ou sem escolaridade. Contempla a transversalidade de gênero nas políticas sociais públicas, no sentido de promover iniciativas de inclusão educacional, econômica, social, cultural e pessoal das mulheres, a autonomia, o

combate à violência, a consolidação da cidadania feminina e o desenvolvimento sustentável, articulado com as políticas públicas de educação, assistência social, saúde e segurança.

As diretrizes de Extensão do IFSC estão alinhadas aos compromissos da agenda 2030 que é composta pelos 17 Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS), aprovada pelos países membros da ONU, durante sua 70ª Assembleia Geral realizada em setembro de 2015, em Nova York. O Mulheres Sim, é um programa que busca contribuir na direção do quinto objetivo de Desenvolvimento Sustentável da ONU, que é alcançar a igualdade de gênero e empoderar todas as mulheres e meninas.

A partir do não cumprimento da promessa da igualdade de todos no gozo dos bens materiais e sociais da humanidade, segmentos da sociedade buscam ganhar visibilidade e alçar seus direitos por meio de suas identidades específicas bem delineadas. Tais movimentos, como os feministas, reivindicam sua diferença de gênero como um direito em si (ROSEMBERG, 2014). No entanto, gênero é um termo incomum no feminismo, pelo modo dúbio como é tratado. De certo modo, gênero se opõe a sexo para relatar o que é constituído socialmente em detrimento do que é biologicamente fornecido. Mas o termo quer indicar também as construções sociais que diferenciam o masculino do feminino (NICHOLSON, SOARES e DE LIMA COSTA, 2000).

Facio (1999) ressalta que sexo é uma circunstância social que deve ser analisada, já que a sociedade é que determina as formas de comportamento de cada sexo e seu respectivo poder, mesmo que seja a natureza que determina a que sexo o indivíduo pertence. A igualdade de gênero ratifica o princípio da dignidade humana, que reza que todos os indivíduos possuem o direito de viver dignamente, resguardados sob condições de autonomia e segurança (RODRIGUES e ALMEIDA, 2015).

No cenário Brasileiro esse debate ainda não tem a importância que fora atribuída nos países com maior tradição democrática oriunda de um modelo de Estado social consolidado. Prova disso, no Brasil contemporâneo o “silêncio” institucional e midiático em relação a “violência de gênero” se tornou um obstáculo no reconhecimento dos maus-tratos às mulheres. Somente na década de 1990 o termo começa a ser utilizado de maneira perdurável, viabilizado pelos discursos na Conferência Mundial para os Direitos Humanos em Viena, na Declaração das Nações Unidas sobre a eliminação da violência contra a mulher e na Convenção Interamericana para prevenir, sancionar e erradicar esse tipo de violência (FRANÇA, 2015).

Barroso (2004) assevera que em todas as partes do planeta o empoderamento das mulheres está associado com níveis mais elevados de escolaridade. Mulheres com maiores níveis de educação normalmente apresentam maior capacidade de melhorar sua qualidade de vida e de suas respectivas famílias. Esta importância da educação no empoderamento das mulheres pode ser verificada de várias formas: como na autonomia em decisões pessoais, no aumento da capacidade de gerar renda, além da maior participação na vida política.

Em face do exposto, este estudo se propõe analisar o programa Mulheres SIM, desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina, como prática de empoderamento, através da descrição das especificidades do programa Mulheres SIM e identificando os aspectos do processo geradores de autonomia e inclusão individuais e coletivas.

O valor científico e social do estudo ora apresentado é alicerçado na relevância epistemológica da investigação da teoria e das experiências institucionais e sociais sobre o empoderamento feminino no Brasil, bem como no impacto social de projetos educacionais inovadores que gerem emancipação individual e coletiva aos sujeitos (aqui, as mulheres!) em condição de maior vulnerabilidade social.

Empoderamento

Os antagonismos ainda marcantes na sociedade do nosso tempo, nos provoca à reflexão intensa a respeito das visíveis contradições, expressas pelos reclames de comunidades e das pessoas relegadas a um quase ostracismo. Nessa situação complexa e desafiadora, a busca por cidadania e pela inclusão educacional e social são imperativos que se consolidam como prática por meio do empoderamento.

O termo empoderamento pode ser caracterizado como um construto que representa um grande campo de componentes presentes na vida das pessoas no mundo contemporâneo. Com base na leitura de textos seminais de Paulo Freire (1969,1981) e das definições localizadas no Dicionário Paulo Freire, produzido por Streck e Redin(2008), percebe-se o protagonismo paulofreiriano na cunhagem do termo empoderamento. Assim sendo, empoderamento, como prática pedagógica, pode ser concebido como um movimento que tem o propósito de desenvolver a consciência do ser humano de modo a promover sua liberdade e o poder de participação na sociedade. Na época em que teórico cunhou o termo, seu foco eram as questões sociais que envolviam sobretudo a relação oprimido-opressor, pela qual o indivíduo figurava

como agente passivo das decisões sociais e políticas que diziam respeito a sua vida e aos contextos no qual estava inserido.

Sem negar o binarismo opressor-oprimido, mas reunindo elementos semânticos que permitam transcendê-lo e/ou ressignificá-lo, Freire concebe que o empoderamento é o eixo que une consciência e liberdade e que é resultado de uma práxis de reflexão e de inserção crítica das pessoas, provocada pelos problemas e pelas perguntas que as colocam em ação. Sendo assim, empoderamento pode ser entendido como um processo que emerge das interações sociais pelas quais o ser humano é construído (STRECK; REDIN, 2008).

Entretanto, o termo empoderamento passou a ser utilizado em outros contextos mais específicos, para explicar fenômenos e conduzir ações que envolvem questões diversas de poder e de participação humana. Com contornos distintos do que propôs inicialmente Paulo Freire, paulatinamente o termo ficou mais conhecido por sua versão em inglês – *empowerment* – que significa “dar poder” a alguém para realizar uma tarefa sem precisar da permissão de outrem. Conforme Valoura (2008), o termo inglês trai o sentido original freiriano da expressão empoderamento que implica conquista, avanço e superação por parte daquele que se empodera (sujeito ativo do processo). Em Paulo Freire, a noção não pode ser reduzida a uma simples doação ou transferência por benevolência, como denota o termo inglês *empowerment*, que transforma o sujeito em objeto passivo.

Rodrigues e Santos (2004), no estudo “*Empowerment: estudo de casos em empresas manufatureiras*”, utilizam como referencial obras de autores da área de gestão empresarial, como Herrenkohl, Judson e Heffner, Cunningham e Hyman, Wilkinson, Pfeiffer e Dunlop. Os conteúdos destes livros revelariam o esforço de retomar o sentido atribuído por Paulo Freire ao termo empoderamento. Com base no conteúdo desses estudos, Rodrigues e Santos (2004) compreendem *empowerment* como uma abordagem de projeto de trabalho que objetiva definir a outorga do poder de decisão e, assim, a autonomia e a participação ativa dos funcionários na administração das empresas. Nessa modalidade de gestão busca-se o comprometimento dos empregados em contribuir para as decisões estratégicas, com o objetivo de melhorar de modo integral o desempenho da organização. Segundo os autores, essa é uma alternativa diversa do paradigma tradicional de gestão. Esse novo paradigma estaria focado na desburocratização, descentralização, flexibilização e inovação (RODRIGUES; SANTOS, 2004). Entretanto, analisando-se os conceitos e suas aplicações nas empresas estudadas por esses autores,

constata-se que, de modo geral, o paradigma que orienta essa modalidade de gestão para o *empowerment* continua seguindo o modelo tradicional.

Para além da compreensão do termo *empowerment* como “dar poder”, é possível, com base nos estudos até aqui apresentados, em especial no conceito de Wallerstein e Bernstein apud Tavolaro et al.(2007), asseverar que, de maneira geral, empoderamento significa uma ação social que promove a participação de pessoas, organizações e comunidades permitindo aumentarem suas consciências e assim desenvolverem maior poder sobre suas vidas individual e coletivamente.

Na perspectiva de Paulo Freire, muitas pesquisas sobre o empoderamento foram desenvolvidas, com abordagens teóricas e práticas em várias áreas de conhecimento, inclusive aquelas que se ocupam com as práticas de gestão nas organizações. No estudo de Casagrande e Patrício (2010), a promoção do empoderamento como estratégia de gestão na modalidade comunidade orgânica, que se traduz como mais um resultado da cultura de socialidade e aprendizagem contínua, é inserida na política da organização. Essa atitude organizacional gera potencialidade coletiva específica que promove a melhoria no desempenho das atividades de trabalho e, também, possibilita maior satisfação dos trabalhadores. Na medida em que o indivíduo engajado nessa política torna-se uma “totalidade”, o empoderamento promovido pela política da uma organização costuma se expandir para o contexto social maior, tornando o mundo do trabalho ainda mais importante para a sociedade. Esse atributo, colocado como base do desenho da teia organizacional, é possível quando o processo de viver no ambiente de trabalho é guiado por princípios da práxis de comunidade cuja organicidade promove a participação igualitária e envolvente nos problemas e nas tomadas de decisão.

Tal forma de participação, para Casagrande e Patrício (2010), promove nos colaboradores um senso de autoestima e de empoderamento gerado pela sensação de adquirir importância ante os colegas e a organização. Isso se expressa, por exemplo, num certo senso de “orgulho” vivenciado no cotidiano de trabalho, como também num sentimento de “pertencimento”, que se traduz em satisfação particular e em ações que melhoram a performance da produção da empresa.

Vê-se, portanto, que a partir da matriz paulofreiriana, a noção de empoderamento, embora possa expressar distintas nuances, é predominantemente utilizada com o sentido de transformação do sujeito (individual e coletivamente) em agente ativo, através de processos que

se diferenciam conforme situações específicas e concretas vida (MARTINS, 2003). De acordo com Horochovski e Meirelles (2007), o empoderamento transformou-se em categoria analítica e empírica em várias áreas, como: economia, saúde pública, sociologia política e, inclusive, na administração, constituindo-se também num instrumento que agencia fomento das organizações da sociedade civil e do governo, que aspiram cumprir com o objetivo de transformar a sociedade. *Mutatis mutandis*, por empoderamento podemos entender as intervenções com “capacidade de gerar processos de desenvolvimento autossustentável, com a mediação de agentes externos – os novos educadores sociais – atores fundamentais na organização e o desenvolvimento de projetos” (GOHN, 2004, p. 23).

Cabe enfatizar que na interseção com a noção e a experiência do gênero a ideia de empoderamento se desenvolve tanto em nível teórico quanto como instrumento de intervenção na realidade (IORIO, 2002). Na década de 1970 e 1980, grupos de mulheres por todo o mundo trabalharam com afinco no desenvolvimento da ideia e na efetivação de estratégias de empoderamento, visando à ruptura com práticas diversas condicionavam ou impediam a participação e a cidadania plena das mulheres (ROMANO, 2002).

Nas últimas décadas, contudo, a mulher tem ocupado maior espaço na política, nas grandes corporações, na educação e em diversas outras áreas e isso faz com que o empoderamento feminino seja um tema atual, na Academia, na mídia e em tantos outros espaços na sociedade. As questões concernentes ao empoderamento feminino se ampliam à medida que a mulher é mais e mais considerada como protagonista social na história (MIRANDA; SILVEIRA; HOELTGEBAUM, 2008).

A concepção de empoderamento traz consigo a ideia de mudança nas relações sociais, nas quais os indivíduos estão inseridos. Torna-se, portanto, instrumento necessário para se analisar os processos de mobilização e as iniciativas no esforço pela afirmação de direitos e na pretensão de superar as desigualdades entre mulheres e homens e suas implicações em diferentes esferas como a social, econômica e política. O processo de empoderamento, assim, trata da adição de poder e controle efetivo das questões que permeiam a vida dos indivíduos (ZORZI, 2008).

A Organização Mundial da Saúde - OMS (1998) entende o empoderamento como um processo social, cultural, psicológico ou político, através do qual pessoas e grupos tornam-se capazes de explicar suas necessidades, expressar suas preocupações, se envolver na tomada de decisões e

atuar social, política e culturalmente na busca para atender suas necessidades.

Perkins e Zimmerman (1990, p.1) definem empoderamento como “um construto que liga forças e competências individuais, sistemas naturais de ajuda e comportamentos proativos com políticas e mudanças sociais”. É mister vincular esta visão de empoderamento com as ações de instituições e grupos que, através de processos/práxis, viabilizam condições para que os sujeitos obtenham controle sobre suas vidas, compreendam criticamente seus espaços de atuação e participem democraticamente dos diversos ambientes em que vivem.

Este processo tem a potencialidade de transformar sujeitos submetidos a alguma relação de opressão à condição de agente que busca as oportunidades necessárias para modificar essa lógica de submissão. Lisboa (2003) entende essa nova condição como resultante da apreensão de poder pelos próprios sujeitos e do fortalecimento de suas capacidades de se afirmarem como agentes da história.

Assim, o aumento de poder relaciona-se diretamente com as oportunidades dadas aos sujeitos para que se coloquem na condição de agente. Neste sentido, referindo-se especificamente as mulheres, Sen (2000) afirma que algumas particularidades do gênero feminino (possibilidade para auferir renda, direitos de propriedade, papel econômico fora da família, alfabetização e instrução) podem, de modo superficial, parecer exageradamente múltiplas e diferentes. Porém, o que essas particulares têm em comum é sua contribuição positiva, através da independência e do ganho de poder, para consolidar a voz ativa e a condição de agente das mulheres.

Lisboa e Manfrini (2005, p. 7), entendem o empoderamento como “uma construção diferente das relações de poder, ou seja, procura potenciar pessoas ou grupos que têm menos poder na nossa sociedade; é um poder que vem de baixo, que reconhece os oprimidos como sujeitos da história”. É um conceito importante para entender e dimensionar o fortalecimento de capacidade dos atores – individuais e coletivos – no nível local e global, público e privado, para a sua afirmação como sujeitos e para a tomada de decisões.

Como perspectiva emancipatória, empoderar refere-se ao processo pelo qual indivíduos, organizações e comunidades obtêm meios que lhes permitam ter voz, visibilidade, influência e capacidade de ação e decisão. Assim, empoderamento é tornar os sujeitos possuidores de autonomia nos assuntos que afetam suas vidas. Como a obtenção desses meios normalmente não é automática, intervenções com algum tipo de coordenação são possíveis

para o seu acesso (HOROCHOVSKI, 2006).

Há leituras distintas sobre as consequências do empoderamento feminino nos campos econômico, organizacional e político-social. Todavia, a ideia de “sujeitos-mulheres” assumindo poder sobre suas próprias ações e estabelecendo seus planos autorais de existência, é constitutivo da visão orgânica, transformadora e inclusiva do empoderamento. (LEÓN, 2001).

A variável pobreza é um dos mais relevantes elementos que constituem a desigualdade de poder. As relações desfavoráveis de indivíduos e grupos (por exemplo: as mulheres pobres) e a privação de liberdade e de acesso a oportunidades ratificam a realidade da exclusão em vários âmbitos. Em face do que foi apresentado até o momento, é possível inferir que o empoderamento também traz consigo a convicção de que é possível subverter as estruturas injuntas de poder que promovem e perpetuam a pobreza em vários níveis (ANTUNES, 2003).

Assim sendo, o processo de empoderamento não pode ser política, social e cientificamente neutro pois exige o enfrentamento constante dos processos geradores da exclusão social. Dito de outro modo, empoderamento provoca “contágio” (leia-se: adesão de indivíduos e grupos em prol das lutas e causas sociais), não “asepsia” (leia-se: espaços e práticas de segregação e exclusão), pois pretende suprimir as relações de dominação que sustentam a lógica da miséria e da tirania, fontes de privação das liberdades substantivas dos sujeitos individuais e coletivos. A busca por relações mais iguais e justas faz com que seja necessário o combate a ordem artificialmente naturalizada e/ou institucionalizada da dominação (seja ela individual, grupal, nacional, internacional; seja ela econômica, política, cultural ou social). O empoderamento, assim, exige dos diferentes sujeitos o preparo para dirimir conflitos e o compromisso para com os mais pobres e oprimidos (ROMANO, 2002).

Para Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008) a noção de empoderamento feminino traduz a tomada de decisão das mulheres sobre suas próprias vidas nos diferentes ambientes em que interagem, públicos e privados. Isto é, a atitude de ocupar o poder nos espaços decisórios em que emergem as diversas políticas que implicam seus direitos e demandas. Cabe ilustrar, para a consolidação da igualdade entre homens e mulheres há a necessidade do acesso, por parte das mulheres, aos bens diversos e ao poder – essa transformação decorrerá de um paulatino processo de empoderamento feminino. Como é possível observar, o empoderamento da mulher pode modificar as relações de gênero e é, por conseguinte, uma condição prévia para o alcance da igualdade entre o gênero masculino e o gênero

feminino (DEERE; LEON, 2002). O empoderamento, desse modo, acarreta “a alteração radical dos processos e das estruturas que reproduzem a posição subalterna da mulher como um gênero” (YOUNG, 1993, p. 158).

Nessa perspectiva, o empoderamento pode ser analisado com base em duas óticas: A primeira é a abordagem que considera as pessoas e o poder como centrais nos processos de desenvolvimento e, assim, supõe que a ação social resulta na transformação. E a segunda é o processo pelo qual as pessoas, as organizações e as comunidades compreendem suas capacidades para produzir, criar e gerir, e assumem o controle sobre suas próprias vidas atuando com o intuito de mudar as relações de poder existentes (ROMANO, 2002).

Em consonância com as duas óticas complementares apresentadas, o processo de empoderamento acarreta no desenvolvimento das capacidades para combater as fontes de privação das liberdades. Da mesma maneira que cria possibilidades novas para o sujeito, oferece o discernimento para poder escolher, para implementar suas decisões e se beneficiar delas. Estas capacidades subjetivas dos sujeitos empoderados são atribuições que eles desenvolvem para fazer ou deixar de fazer coisas – suas competências e as possibilidades de decisão que ratificam as escolhas com base nas próprias vontades (MAGEST et al., 2008).

Seguindo esta lógica, o empoderamento feminino está vinculado ao fortalecimento dos atores sociais, visto que as desigualdades de gênero não podem ser atribuídas a falta de recursos para alterar a situação, mas a carência de oportunidades econômicas, sociais e políticas e requer uma ampliação das liberdades reais e da capacitação das mulheres.

De certo modo, este tipo de empoderamento apresenta uma resistência às relações patriarcais, o que pode fazer com que se garantam às mulheres, por exemplo, o poder de determinar o que tange a sua própria sexualidade, ao seu corpo, ao seu direito de ir e vir, como também: repudiar a violência, o abandono e às decisões unilaterais dos homens que afetam a todos no ambiente familiar (MAGESTE et al., 2008).

Fortalecer a situação econômica das mulheres é socialmente benéfico de muitas maneiras, porém nem sempre diminui outros pesos ou extingue outras formas de pressão que sobre elas incidem. (TANURE, NETO e ANDRADE, 2006). É sabido que somente melhoras do estado físico e o acesso a recursos básicos como comida, água, cuidado médico e educação, podem não gerar transformações substantivas nas relações de poder. Corrobora esta tese o fato que, não raro mulheres instruídas, bem remuneradas, com acesso aos recursos nutricionais e médicos, sejam

vítimas dos abusos físicos e psicológicos de seus parceiros (BATLIWALA, 1997).

O empoderamento é um processo desafiador, pois age em situações de dominação – explícitas ou implícitas – visando subverter e desconstruir esse estado (ROMANO, 2002). Além do mais, como ressalta Leon (2000), para entender o empoderamento, é necessário a compreensão de que este não é um processo que acontece da mesma maneira para todas as mulheres e também não é linear, com início e fim estabelecidos. O processo de empoderamento é diferente para cada pessoa ou para cada grupo de pessoas, e varia conforme o seu meio, sua história de vida, seu contexto, sua subordinação e sua localização.

Dentre os objetivos do empoderamento feminino se destacam: desafiar a ideologia patriarcal que gera a dominação masculina e subordinação feminina, transformar as estruturas e instituições que reforçam e perpetuam a discriminação de gênero e a desigualdade social e qualificar as mulheres vulneráveis para que tenham oportunidades de obtenção dos recursos materiais e de informação e que saibam controlá-los (BATLIWALA, 1997).

Mageste et al. (2008) propõem analisar o processo do empoderamento em três níveis: o individual, o relacional e o contextual, como uma espiral que vai se ampliando e é interligada e cercada por relações de poder. Existe interferência, pressão e ligação uns aos outros e isso faz com que mudanças em alguns dos níveis também gerem alterações e adaptações nos demais – a ação de um acaba gerando uma reação no outro. Mas uma transformação drástica na estrutura de poder que sustenta a lógica sexista é lenta e paulatina. Até os seus resultados são absorvidos lentamente. O início do desenvolvimento do empoderamento pode se dar em qualquer um dos níveis indicados, mas o processo só se completa quando todos forem atingidos.

No nível individual a ideia inicial é o desejo de mudança da mulher e ela ser consciente de que lhe faltam recursos para executar suas capacidades de maneira completa. Partindo do pressuposto que o empoderamento gera a transformação de um indivíduo em agente ativo, é a mulher que deve ser o foco nesse processo. Assim, apoiada numa decisão pessoal de ganho de poder e autonomia, desperta o interesse de enfrentar os obstáculos e adversidades. O formato do processo para que essa conscientização ocorra não é o mesmo para todas as mulheres, porém a convicção dessas mulheres de que existem dificuldades na obtenção e na dinâmica do poder é um dos principais desafios relacionados ao processo de empoderamento, conseqüentemente a autoconscientização da subordinação

de gênero é um obstáculo para a transformação social (MARTINS, 2003).

Essa mesma noção é encontrada no processo analisado por Sen (2000) que descreve a relevância do agente individual que desempenha suas ações propiciando mudanças, orientado por seus próprios objetivos e valores. Assim, o nível individual está relacionado com a habilidade que o indivíduo tem de cuidar de si próprio se posicionando como sujeito da sua evolução de vida e a oportunidade de intervir no meio em que vive, promovendo transformações sociais. Deste modo, a conquista da autonomia, da consciência, da motivação, da autoestima, da capacidade de decidir e de liderar, entre outros, revelam-se como aspectos básicos do empoderamento.

Outro nível é o relacional, pois o processo de empoderamento implica em estar vinculado a outros atores necessitando sempre analisar o contexto e as relações de poder nas quais a mulher está inserida. Incluem nesse nível, as influências familiares e os valores culturais e seus questionamentos disseminados durante a formação na infância e juventude que fazem com que as mulheres atuem em sua própria opressão por meio de conjuntura complexa de sanções religiosas, tabus sociais e culturais, superstições, hierarquias entre as mulheres no interior da família, condicionamentos, retraimentos, limitações da mobilidade física, discriminação de alimentos e outros recursos familiares e controle da sua sexualidade. Também se encontram nesse nível os impactos da educação formal, da escola, dos conteúdos que apreendeu, dos mestres que a mulher tinha como inspiração e exemplo (MAGESTE et al., 2008).

A educação é condição fundamental para o empoderamento feminino constituindo-se como um dos recursos mais relevantes no processo de emancipação, pois fornece saber, habilidades e autoconfiança, indispensáveis para a participação integral na sociedade. Caso uma formação escolar qualificada não seja acessível às mulheres, estas dificilmente estarão aptas a concorrer aos melhores empregos, avançar na carreira, influenciar politicamente, ter participação e representação no governo. A mulher que apresenta sua condição de agente reconhecida e consolidada tem a possibilidade de exercer influência nas decisões da família e assim impulsionar o bem estar da família (MAGESTE et al., 2008).

Mulheres com níveis de escolaridade maior, na maioria das vezes, têm mais oportunidades para melhorar a qualidade de suas vidas e de suas famílias. Além disso, são mais instruídas para melhor usufruir dos benefícios e dos serviços disponíveis, assim como, para criar oportunidades alternativas e encontrar meios de apoio. Os efeitos da educação são manifestados das mais diversas formas

no empoderamento feminino, tais como: expansão nas possibilidades de geração de renda, liberdade nas decisões pessoais, entendimento e controle sobre a própria fertilidade e uma ampliação no envolvimento com a vida pública (BARROSO, 2004).

No nível relacional também pode ser destacado como importante a participação em grupos sociais que prestam suporte e estímulo para o desenvolvimento das capacidades das mulheres. Este apoio pode partir de diversas instituições, como associações de bairro, movimento estudantil, ONGs, etc. (MAGESTE et al., 2008). Aqui se pode incluir também o auxílio que as instituições de ensino prestam através da extensão.

No terceiro nível de análise do empoderamento que é o contextual se torna mais perceptivo a necessidade de transformação, são realizadas as lutas maiores e são aplicados os maiores esforços. Este nível é muito amplo abrangendo uma enorme quantidade de conteúdos o que oportuniza a utilização de estatísticas e estudos de alcance relevante sendo possível, assim, a visualização da realidade que precisa ser mudada. São temas do nível contextual: as demandas de segurança econômica, reconhecimento social, individual e coletivo, alcance de bem-estar e saúde, representação equitativa de mulheres nos ambientes de tomada de decisão, voz na formulação de políticas que afetam o lugar e o ambiente em que se encontram (MAGESTE et al., 2008).

As mulheres podem ter uma percepção diferente dos interesses e problemas e, mesmo assim, a definição de prioridades é feita sem uma representação justa/igual. Por isso é importante a representação de um volume relevante de mulheres que estão aprendendo e se engajando na tomada de decisão. A participação econômica é também um aspecto importante no nível contextual, pois serve não somente para ampliar a renda da família e estimular o desenvolvimento econômico nas comunidades, mas também para diminuir as desigualdades em relação à pobreza entre homens e mulheres (MAGESTE et al., 2008).

Para Horochovski e Meirelles (2007), empoderamento é uma variante com múltiplas dimensões, de escopo variável, abrangendo dos indivíduos até o ambiente global. O que pode ser analisado é o grau de empoderamento, pois as categorias que o compõe somente podem ser examinados dessa forma. Utilizando a emancipação e a autonomia como exemplo, nunca se é completamente emancipado ou autônomo (sequer empoderado), pois as pessoas estão inseridas em contextos nos quais elas deparam-se com coerções maiores ou menores. Também não se pode considerar condições de absoluta heteronomia.

Pode-se pensar em várias dimensões do empoderamento na operacionalização de uma pesquisa sobre o tema. Horochovski e Meirelles (2007) classificam como dimensão de níveis de empoderamento ou sujeitos empoderados, os seguintes: empoderamento individual ou intrapessoal, empoderamento organizacional e o empoderamento comunitário.

O empoderamento individual ou intrapessoal acontece quando sujeitos se auto percebem como possuidores de meios que lhes possibilitem influenciar e ter o controle sobre as situações que afetam suas vidas. Apesar de ser vigorosamente influenciado por aspectos psicológicos como traumas, experiências, autoestima, temperamento – o empoderamento individual é relacional, uma vez que é resultado da compreensão que o sujeitos têm de si mesmos em suas relações com as diferentes situações e pessoas. Assim, pode ser considerada uma variável mediadora entre o sujeito e o contexto que o cerca, sofrendo influência de antecedentes socioestruturais: empoderamento envolve uma compreensão crítica do ambiente sociopolítico, não sendo um ‘traço de personalidade estático’, mas sim um ‘construto dinâmico contextualmente orientado’ (ZIMMERMAN, 1990).

Ocorre empoderamento intrapessoal quando as pessoas se sentem: capacitadas para lidar com determinadas situações, que o comparecimento é importante, que têm mais possibilidades e meios para atuarem que ameaças e restrições. Lideranças que participam e dão exemplo em encontros em que há interação, podem ser consideradas agentes relevantes de empoderamento intrapessoal. De outro modo, não possuindo um nível mínimo desse empoderamento, o encorajamento para ser ativo na participação dos debates sociais é fortemente restringido, pois o indivíduo já entra na discussão se sentindo fracassado (Rich et al., 1995).

O empoderamento organizacional é o empoderamento ocasionado pela e na organização, podendo esta ser pública ou privada, através de métodos da partilha da liderança e do poder de decisão, o que transforma as deliberações mais horizontais e coletivas (PERKINS E ZIMMERMAN, 1995). É o que pode ser considerado como democracia interna, e que retrata uma tendência atual de diversas instituições diminuírem o sistema de hierarquias e de divisão entre pensar e executar (SPREITZER, 1995). Tratando-se dos promotores da inovação social, o empoderamento organizacional é retratado quando o público alvo participa, de alguma forma, das decisões estratégicas e operacionais, contribuindo para a construção de uma identidade coletiva democrática.

Empoderamento comunitário é o processo pelo qual os indivíduos e grupos elaboram estratégias e executam ações, através da participação, para alcançar os propósitos definidos coletiva e consensualmente. Entretanto, para se obter consenso enfrentam-se conflitos e tensões em um processo que necessita de debate e convencimento já que os integrantes de uma comunidade não têm os mesmos anseios. Neste processo, a participação amplia a consciência que leva ao aumento desta e cujo resultado é a contribuição para a criação das identidades coletivas e individuais, que também resulta no aumento da consciência e continuamente. De todo modo, o alcance da consecução dos objetivos planejados na comunidade depende da procura e obtenção de recursos – internamente ou externamente –, da atuação nas decisões que interferem na vida da comunidade e da consolidação das instituições que mediam os anseios da comunidade com outras organizações e atores (PERKINS E ZIMMERMAN, 1995).

Segundo Perkins e Zimmerman (1995), nos três sujeitos ou níveis, diferenciam-se os processos de empoderamento dos seus resultados. Os processos envolvem: no nível individual, a atuação nas instituições da comunidade; no nível organizacional, as decisões tomadas de forma coletiva e a liderança compartilhada; e, no nível comunitário, ações coletivas para obter meio de ajuda do governo e da sociedade. Contudo, os processos, por si só, não asseguram o empoderamento. Assim, é fundamental inserir procedimentos para avaliar grau de empoderamento atingido (RICH et al., 1995). Os resultados devem conter: no nível individual, a percepção do controle sobre determinadas circunstâncias e capacidades de mobilizar; no nível organizacional, a expansão das redes, a evolução organizacional e a promoção de políticas; e no nível comunitário, recursos comunitários acessíveis, a clareza de múltiplas ideias e a presença de acordos organizacionais (PERKINS E ZIMMERMAN, 1995).

O empoderamento é um meio para a mudança das relações de poder existentes e para dar resposta a problemas sociais como o sexismo, a violência e a pobreza. É um meio de idealização de um futuro possível, palpável, apto a resgatar as expectativas e esperanças da sociedade e de impulsionar suas forças para lutar por seus direitos nos mais variados âmbitos. O empoderamento também é uma finalidade, pois o poder é sua parte fundamental, sendo por isso essencial na superação do estado de miserabilidade humana. O empoderamento demanda continuamente renovação para assegurar que o jogo de forças social não retroceda, pois, caso contrário, novamente se estabelecem as práticas de dominação geradoras de pobreza em vários níveis (ROMANO, 2002).

Procedimentos metodológicos

O delineamento da pesquisa se caracteriza como abordagem qualitativa, de natureza descritiva e exploratória. Exploratória porque segundo Hair Jr et. al. (2005), este tipo de pesquisa é orientada para a descoberta e conforme relatado no referencial teórico, o empoderamento é um conceito controverso e com significados em processo de construção e adaptação a novos contextos, especialmente aos organizacionais.

Creswell (2010) corrobora afirmando que na pesquisa uma das principais razões para se conduzir um estudo qualitativo de natureza exploratória, significa que não foi escrita muita coisa sobre o assunto, ou sobre a população que está sendo estudada e, que o pesquisador procura ouvir os participantes e desenvolver uma compreensão baseada nas percepções destes indivíduos. Na mesma perspectiva também Richardson (1999) afirma que uma pesquisa pode ser caracterizada como exploratória quando não se tem informações sobre determinado tema ou se deseja conhecer melhor sobre o fenômeno objeto de estudo.

Esta pesquisa se caracteriza como descritiva porque expõe características de uma determinada população ou fenômeno. Para Trivinos (1987), além de descrever os fatos e fenômenos de determinada realidade a pesquisa descritiva exige do pesquisador uma série de informações sobre o que deseja aprofundar. No caso desse estudo o fenômeno investigado é empoderamento das mulheres e serão descritas as especificidades do programa Mulheres Sim.

O procedimento utilizado nesta pesquisa será o estudo de caso que, para Yin (2015) é uma investigação empírica que examina um fenômeno contemporâneo inserido em um contexto da vida real, na qual a fronteira entre o fenômeno e o contexto não está evidentemente claro e que diversas fontes de evidência são utilizadas.

Creswell (2010) acrescenta que o estudo de caso é uma estratégia, onde o investigador explora em profundidade um programa, um evento, uma atividade, um processo ou uma ou mais pessoas e, na qual, o pesquisador coleta informações pormenorizadas utilizando diversos procedimentos de coleta de dados ao longo de um período de tempo. Para Flick (2009), o estudo de caso tem como objetivo a descrição exata ou a reconstrução de um caso.

As proposições do estudo referem-se ao que será examinado dentro do escopo do trabalho, a fim de elaborar reflexões sobre questões teóricas importantes e que também contribuam na por evidências e critérios relevantes para as análises. Neste sentido, seguindo os componentes

necessários elencados por Yin (2015), a pesquisa norteou-se pela seguinte questão: como o programa de extensão Mulheres Sim, desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina, pode ser caracterizado como empoderamento? Para responder essa pergunta, buscou-se no referencial teórico os elementos relevantes que caracterizam o empoderamento a partir de Paulo Freire e de seus seguidores. Os dados foram coletados através da pesquisa documental nos arquivos e documentos do programa e foi conseguido acesso aos questionários aplicados pelo programa a todas as mulheres participantes; da observação participante realizada nos campi de Garopaba, Tubarão e Criciúma, escolhido pela maior facilidade de acesso dos pesquisadores; as entrevistas semiestruturadas diretas foram realizadas com as coordenadores dos campi. A criação de critérios de análise foi feita com base nos elementos encontrados na teoria.

Para a análise dos dados optou-se por uma análise de conteúdo, considerando as orientações de Bardin (2011), que conceitua este tipo de análise como um conjunto de técnicas de análise das comunicações e descreve as etapas desta técnica em três fases: a) a pré-análise em que o material a ser analisado é organizado e sistematizado, registrando ideias preliminares. É a fase em que se estabelece o contato com os documentos da coleta de dados, formulam-se os objetivos e elaboram-se os indicadores que orientam a análise; b) a exploração do material consiste na fase em que os dados são codificados, ou seja, os dados são transformados sistematicamente e agregados em unidades; c) inferência e interpretação é a fase em que ocorre o tratamento dos resultados em que resultam as deduções lógicas através de uma análise reflexiva e crítica.

No processo de análise, foi desenvolvida uma triangulação dos dados, entre os dados coletados na pesquisa documental, na observação participante e entrevistas semiestruturadas com o referencial teórico. Para Flick (2009) a triangulação de dados refere-se a combinação de diversas fontes de dados e é concebida como uma estratégia para a validação de resultados advindos de métodos individuais. Creswell (2010) corrobora com a ideia de que o processo de triangulação de dados auxilia na validação do estudo, pois resulta das evidências das diferentes fontes de informação.

Apresentação e análise dos dados

O Programa Mulheres SIM é um programa de extensão do Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de Santa Catarina (IFSC) com recorte de gênero, para mulheres em vulnerabilidade, com baixa ou sem escolaridade, vinculado

à Pró Reitoria de Extensão e Relações Externas (PROEX) e, gerenciado pela Diretoria de Extensão.

O Programa Mulheres SIM fomenta a execução de políticas sociais públicas de promoção da inclusão da mulher nas dimensões educacional, econômica, social e cultural. Busca subsidiar o desenvolvimento da autonomia política, da erradicação da extrema pobreza, do combate à violência, da consolidação da cidadania feminina e do desenvolvimento sustentável. Todas essas dimensões em consonância com a Missão e Planejamento Estratégico do IFSC, com as diretrizes de outros órgãos de assistência social, saúde, segurança e movimentos de geração de renda. O programa justifica-se no sentido de atender políticas educacionais de Desenvolvimento Sustentável (ODS) e o Plano de Desenvolvimento Institucional IFSC 2015-2019 (Mulheres Sim, 2017).

Diante das experiências do Programa Mulheres Mil, incorporado ao Bolsa Formação do PRONATEC, o Programa Mulheres SIM, idealizado em 2013, compartilha da mesma metodologia utilizada no que se refere ao acesso, permanência e êxito, materializadas nas unidades curriculares que compõe os cursos. Visa abordar a transversalidade de gênero nas políticas sociais públicas, no sentido de promover iniciativas de inclusão educacional, econômica, social, cultural e pessoal das mulheres, a autonomia, o combate à violência, a consolidação da cidadania feminina e o desenvolvimento sustentável, articulado com as políticas públicas de educação, assistência social, saúde e segurança.

O Programa Mulheres SIM busca por meio da educação profissional a valorização da mulher, o acesso aos direitos, cidadania e possibilidades de geração de renda, ou seja, o empoderamento feminino. Conforme mencionado no referencial teórico, utiliza-se o empoderamento como prática pedagógica, quando se tem a intenção de desenvolver a consciência crítica dos indivíduos contribuindo para a promoção da liberdade e da participação na sociedade, fundamentais no desenvolvimento de projetos que envolvem empoderamento, pois geram processos de desenvolvimento autossustentáveis (GOHN, 2004).

Com o processo de empoderamento há transformação nas relações sociais dessas mulheres e isso auxilia nos processos de luta pela afirmação de direitos e na pretensão de superar as desigualdades entre mulheres e homens e suas implicações em áreas como a social, econômica, pessoal e política (ZORZI, 2008), em estreito alinhamento com o quinto dos objetivos de desenvolvimento Sustentável (ODS) da Unesco: Igualdade de gênero. Para se obter este objetivo se faz necessário modificar as relações de gênero,

ampliando as oportunidades para as mulheres terem acesso aos bens e ao poder, processo este que decorre do empoderamento feminino (DEERE; LEON, 2002).

O Programa Mulheres SIM em 2017 foi proposto com 4 projetos: 1) Projeto de curso de extensão (96hs, a ser escolhido pelo câmpus): Educação e Gênero ou Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino; 2) Projeto Feira de Economia Solidária (8h ou mais); 3) Ciclo de Palestras e Oficinas (12 horas ou mais); e 4) Acompanhamento de Egressas.

O curso Educação e Gênero tem como objetivo motivar a busca da autonomia e a geração de renda envolvido temas como: Conhecimento histórico-cultural; Saúde da mulher e da família; Ética e cidadania; Linguagens; Informática; Desenvolvimento social e sustentável; Vivência matemática; Geração de renda. Busca oportunizar para mulheres tradicionalmente afastadas da escola e em situação de vulnerabilidade social, um espaço acolhedor e de educação. No curso foram trabalhados conceitos que priorizam a consolidação da cidadania feminina, o desenvolvimento sustentável, a inclusão social, digital e cultural, o combate à violência contra a mulher, além de atividades para elevação e geração de renda. Estas atividades estão articuladas com demais políticas públicas de educação, assistência social, saúde, segurança, e outras quando foi necessário. Convem frisar que os objetivos deste projeto se conectam com as análises de Mageste et al.(2008), quando tratam dos diferentes níveis, situações e contextos e possibilidades de empoderamento feminino.

O curso de Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino, com o objetivo de motivar a autonomia e a geração de renda é composto por temas como: Trabalho feminino e economia; Saúde e trabalho; Comunicação e acesso a mídias sociais; Economia solidária e trabalho coletivo; Educação financeira; Desenvolvimento de produtos; Oportunidades de negócios/trabalho. Visa balizar o curso numa perspectiva de seguimento de itinerário formativo para egressas, que demandam conhecimentos mais específicos diante da geração de renda por meio da produção mais consolidada de produtos artesanais e no engajamento com empreendimentos solidários, mulheres egressas ou não dos Programas Mulheres SIM e Mulheres Mil, ou mulheres que já desenvolvem produtos, visando assim, por meio do curso, agregar valor aos produtos e consequentemente, ampliar a renda da mulher e de sua família. Assim, a possibilidade de empoderamento feminino se materializa na tomada de decisão das mulheres sobre suas próprias vidas nos diferentes ambientes em que interagem, públicos e privados, na atitude de ocupar o poder nos espaços decisórios em que emergem as diversas

oportunidades de melhorar a renda e na busca dos seus direitos e demandas (MAGESTE et al. 2008).

O Projeto de Feira de Economia Solidária possui a intenção de promover a divulgação do programa, das ações desenvolvidas pelo Câmpus e dos trabalhos realizados pelas alunas, visando por meio de uma prática pedagógica à promoção da inclusão produtiva e social de mulheres através da geração de ocupação e renda. Corroboram com a perspectiva de empoderamento desse projeto Tanure, Neto e Andrade (2006) ao afirmarem que, fortalecer a situação econômica das mulheres é socialmente benéfico de muitas maneiras, mesmo que nem sempre diminui outros pesos ou extingue outras formas de pressão que sobre elas incidem.

O Projeto Ciclo de Palestras objetiva complementação da formação das alunas do Programa, ampliando questões sensíveis à turma com pelo menos três encontros presenciais com participação das alunas egressas, aberto a familiares e comunidade externa. Conta com a intervenção de convidados externos em temas relevantes, como: orientação profissional; violência doméstica; Educação de Jovens e Adultos (EJA); Direitos trabalhistas e previdenciários. Dimensão defendida pela OMS (1998), que entende o empoderamento como um processo social, cultural, psicológico ou político, através do qual pessoas e grupos tornam-se capazes de explicar suas necessidades, expressar suas preocupações, se envolver na tomada de decisões e atuar social, política e culturalmente na busca para atender suas necessidades.

O Projeto de Acompanhamento das Egressas possui a finalidade de monitorá-las no mundo do trabalho e/ou elevação de escolaridade. Isto é feito através de dados estatísticos, que também avalia o programa com: (a) a identificação o perfil socioeconômico das alunas; (b) a verificação da participação das mulheres no projeto do Ciclo de palestras e oficinas; (c) a realização de pesquisa qualitativa para avaliação de impacto do programa por meio de entrevistas; (d) o incentivo ao cadastramento das mulheres e sua vinculação com empreendimentos solidários; (e) a promoção de um encontro de egressas do programa Mulheres SIM no câmpus. O programa, por si só, não assegura o empoderamento, mas é fundamental inserir procedimentos para avaliar o grau de empoderamento atingido (RICH et al., 1995). Com a possibilidade de se entender o empoderamento como uma processo com múltiplas dimensões e de escopo variável, que vai do nível individual ao coletivo e à dimensão global, segundo Horochoski e Meirelles (2017), pode se identificar diferentes graus de empoderamento.

A análise dos aspectos que envolvem o empoderamento é realizada objetivamente pelo IFSC e são levados em consideração fatores que as mulheres perceberam que alteraram suas vidas. Como o empoderamento pode ocorrer de diferentes formas para cada mulher, se constata que elas poderão apresentar, conforme cada histórico de vida, ambiente que estão inseridas e relações a que estão expostas, diferentes níveis de empoderamento, com maior ou menor condição enquanto agente de mudanças. Como bem destaca Leon (2000), que para entender o empoderamento, é necessário a compreensão de que este não é um processo que acontece da mesma maneira para todas as mulheres e também não é linear, com início e fim estabelecidos. Como cada vive numa situação com peculiaridades distintas, o processo de empoderamento tende a ser diferente para cada pessoa ou grupo de pessoas.

O Programa conta com a participação de servidores técnicos administrativos e docentes para execução das atividades de aulas, oficinas, feiras, e demais ações necessárias para o funcionamento dos projetos. Alguns temas são melhor abordados pela rede de apoio e proteção, como a Secretaria de Assistência Social, a Secretaria de Saúde, a Secretaria da Educação, a Delegacia da Mulher, o Conselho Tutelar, a Cáritas e os Movimentos sociais. A divulgação é feita em locais estratégicos da comunidade e em linguagem acessível como em Clube de Mães, CRAS, Posto de Saúde, Movimentos de Economia Solidária, Associações de Moradores, alunos e alunas do IFSC, contato com egressas, cartazes, reuniões, rádio local, internet, sites do IFSC e facebook.

O Edital de 2017, previa a realização de duas Feiras de Economia Solidária, uma interna e outra externa nos campi contemplados. A feira é uma proposta pedagógica, que alia os conhecimentos obtidos durante o curso, com suas habilidades e conhecimentos prévios, onde se trabalha de forma interdisciplinar, além da aproximação com movimentos solidários, como uma alternativa de renda às mulheres por meio da produção de artesanatos e alimentos. A questão da socialização com outras mulheres é o ponto forte da feira, assim como a interação com o público também é fortemente percebido como fonte de aprendizagem para as alunas. Surgiram casos de sucesso com a venda dos produtos, assim como o crescimento pessoal e profissional, no envolvimento e planejamento das alunas em todo o processo da feira. Algumas alunas estão produzindo por encomendas, até para fora do estado. Os campi precisam estabelecer contato direto com os movimentos solidários da região, para que as alunas possam agir independentemente na comercialização de seus produtos após a finalização do curso. Como bem sinaliza Mageste et al.(2008) que o processo de empoderamento

implica em estar vinculado a outros atores necessitando sempre analisar o contexto e as relações de poder nas quais a mulher está inserida.

A dinâmica em grupo chamada de “mapa da vida” é utilizada com a intenção de propiciar oportunidade e ambiente adequado para as mulheres trocarem experiências de vida e isso faz as beneficiárias do programa se sintam autoras de suas próprias histórias (LISBOA, 2003), pois são socializadas as recordações que marcaram suas vidas e a superação dos problemas. São criados espaços de confiabilidade, registro e compartilhamento, onde o grupo interage e se integra, através dos vínculos sociais e culturais que são estabelecidos com a reflexão e a troca de ideias e, cada uma percebe que todas têm problemas e passam por situações semelhantes.

Almeja-se com esta interação auxiliar no processo de empoderamento, na medida em que essas mulheres consigam explicitar suas necessidades, expressar suas preocupações e se envolverem na tomada de decisões para atender suas necessidades (OMS, 1998). As dinâmicas do final do curso trabalham a comunicação e as mulheres se revelam também por meio de desenhos, cores e formas, demonstrando o processo de transformação, denotando o empoderamento feminino.

Para fins de identificação do perfil das alunas, foi aplicado em todos os 10 campi, um questionário socioeconômico, que permitiu uma melhor identificação da realidade social e econômica. O conhecimento do perfil contribuiu para o balizamento das ações do programa Mulheres SIM na edição 2017. Como o empoderamento não é um processo que acontece da mesma maneira para todas as mulheres (LEON, 2000), é fundamental que o perfil das alunas seja identificado, para que o curso possa assumir um caráter formativo sintonizado com suas características e particularidades.

Os dados do perfil, possibilitaram melhor definição de temas a serem tratados, como o combate à violência contra a mulher, nas suas mais diversas expressões. Com a violência ainda faz parte da vida de muitas alunas, coube então reforçar ações e atividades, de modo a esclarecer seus direitos, a rede de proteção, o apoio institucional, com iniciativas propositivas. A continuidade dos estudos para muitas, pode ser uma alternativa. São vários os relatos de interesse, com demandas em áreas de informática, alimentos, saúde e beleza, produção e renda, e também pela conclusão da educação básica.

Na perspectiva das atividades desenvolvidas, o câmpus de Xanxerê foi muito significativo na vida daquelas alunas, a

medida que possibilitou, sobretudo, o acesso aos direitos, cidadania e a sua inclusão social, conforme expressões das participantes:

[...] amei este curso, aprendi muita coisa, tivemos várias oportunidades de aprender, [...]. Todos os professores foram ótimos e muito importantes e pretendo continuar estudando aqui, pois é um lugar muito bom de estudar” (Participante - Xanxerê).

[...] eu amei o curso e me identifiquei muito com o mesmo e tenho aplicado o que aprendi em casa e pretendo continuar estudando[...]. (Participante - Xanxerê).

Percebe-se que o programa oportunizou significativa contribuição na formação humana e profissional destas mulheres, instrumentalizando-as com novas vivências (MAGESTE et al, 2008), conhecimentos e despertando atenção para os cuidados com a saúde, direitos de cidadania como mulheres mães e trabalhadoras, auxiliando no desenvolvimento de novos produtos na área de alimentos e com isto oferecer a oportunidade de abrirem seus próprios negócios ou procurarem emprego no setor alimentício.

Em 2017, a proposta do câmpus de Chapecó para o Programa Mulheres Sim indicou o atendimento da comunidade de mulheres privadas de liberdade do Presídio de Chapecó. As mulheres detentas, além da baixa escolaridade ou analfabetismo, possuem dependência química e depressão.

Eu estava ciente que podia vir pra cá, mas o dinheiro atrai a gente. Quanto mais a gente faz, mais a gente quer. Não pensei também nos meus filhos que hoje estão lá fora sofrendo e eu sofrendo mais ainda aqui dentro. Eu não vejo meus filhos. Faz dois anos e seis meses que eu tô presa aqui. Eu não pensei neles, mas hoje penso muito neles, muito, muito, muito (Detenta - Chapecó).

Nos relatos emocionados das alunas detentas, muitas vezes esqueciam que estavam privadas de liberdade, principalmente nos momentos da prática de desenvolvimento de produtos. A formatura foi muito emocionante para elas e para toda a

equipe do IFSC que executou o programa, ao lembrarem das aulas e da convivência. O conceito de liberdade e libertação Freiriano, assume neste contexto outras conotações, da realidade dramática vivida, mas de posse da liberdade de pensamento e de sonhar com condições diferentes através do aproveitamento de uma oportunidade oferecida.

No câmpus Garopaba o curso Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino desenvolveu-se contribuindo para a geração de renda das mulheres de uma comunidade quilombola, através do resgate da cidadania dessas mulheres, historicamente negada, visando fortalecer sua identidade cultural, a autonomia e a sustentabilidade da comunidade. Esta realidade retoma a idéia original de empoderamento de Paulo Freire (1969), como prática pedagógica, como um movimento que tem o propósito de desenvolver a consciência do ser humano de modo a promover sua liberdade e o poder de participação na sociedade. Foram trabalhadas as questões de empoderamento feminino, autonomia, autoestima, com o propósito de empreender o grupo e por extensão a comunidade. Fez-se um resgate histórico do que marcava a memória das alunas em relação à Aldeia e que poderia ser parte da identidade da comunidade. Nas discussões e dinâmicas utilizadas destacou-se a memória da presença de um engenho de farinha, que não existe mais. Partindo desse resgate da lembrança do engenho de farinha, elas decidiram utilizar a mandioca como base para desenvolver seus produtos, com destaque para o pão recheado à base de mandioca, os diferentes recheios, doces como a geléia de aipim e também alguns produtos salgados.

No câmpus Gaspar foi realizado o Curso de Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino. Durante o curso foram elaborados produtos a partir de extratos naturais de alecrim e de lavanda, sendo eles: sabonete líquido, aromatizador de ambientes, desodorante natural e sachê perfumado. As alunas conheceram os custos envolvidos, a elaboração dos produtos e as técnicas de decoração das embalagens, bem como, o processo de venda dos produtos finalizados. O que contribuiu para modificar a lógica de submissão, conforme indica Lisboa (2003), e que essa nova condição resultante da apreensão de poder pelos sujeitos e o fortalecimento de suas capacidades, se afirmam como agentes empoderados da história. Como experiência disso, foram realizadas duas feiras de Economia solidária, onde as alunas expuseram e comercializaram os produtos elaborados durante as aulas ou produzidos por elas em casa, com base no conhecimento que tiveram durante o curso.

No câmpus Tubarão, as atividades desenvolvidas no curso Transformando vidas de sujeitos do gênero feminino em situação de vulnerabilidade social: Somos todas Mulheres

Sim, promoveu a inclusão social das mulheres cisgêneros e transgêneros no espaço escolar. Dentre os resultados conquistados destacam-se: a integração entre as mulheres cisgêneros e transgêneros; o amplo debate sobre o público transgênero; a inserção do público transgênero do espaço escolar; amplo debate sobre preconceito; e visibilidade do público transgênero nos Institutos Federais de Educação com a apresentação do programa na Mostra de Experiências Exitosas da REDITEC 2017, em João Pessoa, Paraíba.

Antes de me transformar em uma mulher fisicamente, dentro do meu coração, a minha alma já era feminina. Então eu quis transformar por fora o que eu sempre quis ser por dentro (Participante - Tubarão).

Evidentemente, uma transformação drástica na estrutura de poder que sustenta a lógica sexista é lenta e paulatina e os seus resultados são absorvidos também muito lentamente (MAGESTE et al., 2008). As questões envolvendo as dimensões de gênero exige um processo de mudança cultural, que nunca vai acontecer de modo imediato.

No câmpus Caçador, o curso escolhido foi de Educação e Gênero, porque as alunas do CRAS do bairro Martello possuem histórico de muito sofrimento e violência familiar. Por isso o foco do curso foi dar um novo olhar sobre suas vidas e mostrar novos caminhos, novas perspectivas. Trabalharam o desenvolvimento de habilidades manuais na questão de aprenderem a criar artesanato e, foram criadas condições favoráveis à socializarem, para fazerem amizade e conhecerem um pouco mais do mundo e se libertarem do modo limitado e dependente que sempre viveram. Aprenderam o valor das notas do dinheiro, o que podiam comprar com elas e fizeram exercícios de colocar preço nos objetos que iriam para feira. Muitas também tiveram a primeira oportunidade na vida de usar um computador e uma calculadora.

Na questão do público, eu sabia que seriam mulheres em situação de vulnerabilidade social, mas mesmo assim levei um ‘choque’ ao vê-las e ao ouvir um pouco sobre cada uma. Muitas mulheres deixaram suas vidas de lado por causa dos filhos, algumas tinham aprendido recentemente a ler e a escrever entre várias outras histórias. De qualquer forma eu fiquei muito feliz em participar principalmente

por entrar em contato com essas mulheres e conhecer um pouco melhor a parte ‘triste’ (não encontrei uma expressão melhor) do mundo. Acredito que o Mulheres Sim!, ajuda muito, principalmente na questão de dar uma nova perspectiva de vida a essas mulheres (Coordenadora - Caçador).

A fala da coordenadora ratifica a posição paulofreiriana (1969,1981) da importância do resgate das histórias e trajetórias de vida como condição para o sujeito tomar consciência subjetiva e histórico-social de si mesmo e do seu lugar e papel nas relações de poder – condição para o empoderamento.

No câmpus Canoinhas, o programa foi desenvolvido com mulheres dos conjuntos habitacionais Nossa Senhora Aparecida I e II, inaugurados em 2016 no Bairro Piedade. Os relatos das alunas elucidaram que a convivência permitiu que elas se aproximassem das vizinhas e pudessem estabelecer laços. Hoje elas frequentam as casas umas das outras e se reúnem para conversar, trocar experiências, produzir artesanatos e cuidam dos filhos das colegas eventualmente. Muitas querem voltar a estudar e concluir o Ensino Fundamental e Médio. Das 25 concluintes, 11 estão concorrendo a vagas para realizar o Programa Nacional de Integração da Educação Profissional com a Educação Básica na Modalidade de Educação de Jovens e Adultos (Proeja) que será ofertado pelo IFSC Canoinhas em 2018/2. Dado relevante nessa experiência é a constatação de que o processo pedagógico do empoderamento não é uma ação isolada e/ou solipsista. É na relação intersubjetiva, na interação entre diferentes mulheres, na construção de laços afetivos e solidários, que o processo de empoderamento acontece.

No câmpus Criciúma foram destacados pelas participantes, a aproximação da mulher à comunidade escolar e civil; a família apoiando a participação no programa; abertura ao diálogo; ampliação nas vendas de artesanatos; confecção de artesanatos aprendido no curso; valorização da mulher; aumento da renda financeira com a venda de artesanatos e produtos comestíveis; estreitamento de amizades e parcerias; estímulo à participação de cooperativa. No grupo das mulheres participantes constatou-se, autoestima elevada; inserção social; fomento para geração de renda; participação em feiras de economia solidária e cooperativas; integração com a comunidade acadêmica; desejo de voltar a estudar e sentimento de pertencimento.

No câmpus São Lourenço do Oeste, esteve presente uma egressa, que falou da alegria em ter feito e concluído o curso e da satisfação em conseguir comercializar os

artesanatos. Cada aluna teve a oportunidade de aprender e produzir artesanatos, como cuias decoradas, guardanapos, guirlandas, telas decoradas, chinelos decorados, caixas de MDF decoradas, porta-retratos decorados, porta-canetas com materiais reutilizados e travessieiros terapêuticos com plantas medicinais. Os produtos foram selecionados e colocados para venda durante a Feira de Economia Solidária. Houve relatos de mulheres que faziam artesanato e que não estavam mais produzindo e o curso deu um novo sentido com a valorização do trabalho, com a continuação dos estudos, do trabalho em grupo, do que é simples, da mulher do lar e a valorização de ser mulher.

Em São Miguel do Oeste houve trocas de experiências e vivências durante as aulas teóricas e principalmente práticas, com socialização das mulheres do campo que vivem em comunidades rurais afastadas; com a oportunidade de retorno ao banco escolar e a capacitação; com a valorização do trabalho da mulher do campo como protagonista na propriedade rural e em sua comunidade; com o resgate de saberes referentes a comida e artesanato das etnias imigrantes da região. Foi abordada uma variedade de assuntos como pastagens, manejo de aves, manejo de bezerros e bovinos de leite, olericultura (produção de produtos in natura e animais que são comercializados ou matéria-prima para a produção de outros produtos na propriedade), boas práticas de manipulação de alimentos, leite, derivados, frutas e hortaliças, panificação, corte e costura e artesanato.

Nos relatos dos câmpus e também nas visitas realizadas pôde-se perceber alguns pontos fortes apontados pelas alunas do Programa, tais como, as aulas de informática, artesanato, culinária, saúde da mulher e cidadania. A formatura foi colocada como momento mais marcante, já que muitas nunca tiveram a oportunidade de receber um diploma. As sonelidades das formaturas nos câmpus são repletas de alegria e emoção, marcando a vida dessas mulheres. Alguns depoimentos de participantes evidenciam a importância da participação no Programa:

Aqui a gente aprendeu muita coisa, pra vida, pro dia dia com a família, ou pra uma balada. Tudo que a gente aprendeu aqui a gente vai levar um pouquinho em qualquer lugar da nossa vida. Porque Mulheres Sim é o poder da mulher, é a autoestima da mulher (Participante - Tubarão).

Na minha cadeia, de 2 anos e 3 meses que eu tô, esses 4 meses foram os dias mais felizes que eu tive. Eu não

me imaginava dentro do presídio. Nós passamos quintas e sábados mais felizes aqui. Você está ali fazendo artesanato, elas traziam rádio pra gente escutar música (Detenta – Chapecó).

Em três meses minha vida mudou. Segura agora! Agora me segura! (Participante - Gaspar)

eu conhecer o projeto. Ah, vou sair lá fora não vou arrumar serviço porque vão apontar que era ex-presidiária. Hoje penso diferente. Eu fui presa, fui, sou ex-presidiária, mas posso mostrar pra sociedade que além de ser ex-presidiária, eu sou um ser humano. (Detenta, Chapecó).

Ganham relevo nas experiências de Criciúma e São Miguel do Oeste o momento gnosiológico e científico gerador de transformação nas mulheres. Os saberes apreendidos contribuem para a construção da auto-estima, do bem-estar e da valorização da vida. No limite, empoderar é criar condições para uma vida mais prazerosa, livre e integrada com o ambiente social.

O programa oferece uma relação respeitosa, carinhosa, um tratamento com carga de afetividade, isso produz um ambiente agradável como nunca tiveram na vida e, o mais importante é que elas levam isso para as suas famílias e estabelecem uma nova relação com os filhos e com os vizinhos. O programa preocupou-se com elas enquanto alunas e cidadãs, responsáveis por melhorar a sua qualidade de vida e dos que estão a sua volta, contribuindo assim no desenvolvimento de sua comunidade.

Se eu sou trans, gay, homem ou mulher, eu sou um ser humano. Quem lá no curso, no início foi difícil, mas depois elas começaram a agarrar a gente de uma forma que não querem mais deixar a gente. Maioria mulheres de 50 anos, 40 anos, 30 anos, já têm filhos, já têm netos. Eu achei que seria um pouco mais de preconceito, mas essas mais velhas têm cabeça mais aberta para o nosso mundo trans. Já chegam: linda, poderosa, ganhei presentes delas [...]. Me abraçaram, me acolheram, não como uma maldição, uma doença ou algo do tipo que a sociedade diz (Participante - Tubarão).

Eu aprendi com esse projeto assim a entender as pessoas que antes eu não fazia. Aqui você se sente bem. A gente se sente amada pelos professores. O abraço de cada um foi muito confortante. Antes eu pensava que a gente não valia nada mesmo, antes de

A investigação desenvolvida no decorrer do programa constata a importância do movimento social que proporcionou a discussão sobre geração de renda, direitos, inclusão social, que necessitam ser respeitados e planejados na concepção de alcançar alternativas que libertem o indivíduo da condição que se encontra. O Programa Mulheres Sim além de ser um espaço para a construção de novos conhecimentos projetados de acordo com a realidade social é também relevante no entendimento e na identificação do ambiente do outro.

As mulheres participantes sentem-se valorizadas pela interação com a equipe de professores e servidores, pelo contato com o espaço acadêmico, e aproximação com outras mulheres com o desejo de transformação. Valorização esta, que também ocorre pois elas adquirem uma consciência crítica que pode ser distinta das ideias que tinham do ser mulher. Pode-se constatar que o Programa Mulheres Sim contribui no processo de empoderamento, no desenvolvimento da consciência crítica em relação ao seu papel enquanto mulher, o que gera empoderamento individual e coletivo, conforme apresentado por Mageste, Melo e Ckagnazaroff (2008), através da percepção do controle sobre determinadas circunstâncias e capacidades de mobilizar.

As mudanças na compreensão dos sentidos da vida, desperta interesse de outras pessoas próximas, da família e dos vizinhos. As beneficiárias do programa consideraram os ensinamentos sobre os direitos da mulher como imprescindíveis para que elas enxergassem as desigualdades de poder entre os sexos. Pode-se verificar pelas falas que elas conseguem refletir sobre a realidade e o papel da mulher, identificando preconceitos e relações de poder impeditivas para o seu crescimento.

As experiências trocadas durante o curso, o desenvolvimento pessoal, apoio das colegas e a formação de novas amizades marcaram os dias de aula, quando deixavam os afazeres domésticos, o trabalho e os filhos e dedicavam-se a um momento delas, de lazer e aprendizado.

Porque eu sou negro eu sou coitadinho. Não! A gente sabe dos nossos direitos,

sim! Se você tem direito porque é branca, eu também tenho direitos porque sou negra, e com muito orgulho (Participante, Garopaba).

A gente está em casa fica bitolada né. Casa, marido, filhos e esquece da gente. Então aqui, com esse acompanhamento que tem de psicólogos, teve maquiadora, teve manicure, massagista. Com essas palestras e aulas, a gente começou a olhar pra gente com outros olhos e começamos a nos valorizar e a ver que o mundo não é só aquele quadrado da nossa casa, que existe um leque enorme de possibilidades (Participante, Criciúma).

Às vezes a pessoa está meio carente. E quando chega aqui a gente se sente bem. Só o contato com essas mulheres, o carinho que tem uma com a outra já é uma ajuda né (Participante, Tubarão).

Sempre digo: bota mais uma porçãozinha de amor, de carinho, de caridade, de união, que funciona. Tirar a pessoa de casa às vezes faz mais milagre do que certos remédios. Eu sei disso porque eu venho de um quadro de depressão gravíssimo. Nossa! Hoje em dia eu encaro qualquer coisa. (Participante, Gaspar).

Através do convívio essas mulheres dividiram suas histórias de vida e suas experiências o que auxiliou na formação de suas habilidades pessoais e sociais na medida que havia a interação social e manifestavam a solidariedade nas atividades que foram feitas no curso. Considerando que o empoderamento é um processo coletivo, que emerge das interações sociais pelas quais o ser humano é construído (STRECK, et.al., 2008), a construção de vínculos entre estas mulheres proporcionou a elas repensarem criticamente suas realidades à medida que trocavam experiências.

A autoestima e a autoconfiança são sentimentos que estão relacionados de modo direto à autonomia e ao desenvolvimento pessoal e agem como elementos determinantes no processo de empoderamento. A possibilidade de desenvolver outras atividades que, inclusive lhes permita incrementar a renda familiar, trás às mulheres um sentido de empoderamento.

Também é possível depreender dos escritos de Paulo Freire (1969,1981) e dos relatos das participantes, que o processo pedagógico do empoderamento não é uma prática de vitimização. Os desafios que envolvem, por exemplo, a condição de orientação sexual, de gênero ou de raça não devem obstaculizar a emancipação dos sujeitos. Pelo contrário. É no reconhecimento e na valorização de suas diferenças e histórias que estas mulheres criam condições para exercerem ativamente o poder nos distintos espaços sociais que ocupam.

Foi possível observar também o empoderamento no nível comunitário, pois as mulheres elaboraram estratégias e executaram ações, através da participação, para alcançarem os objetivos definidos coletivamente. Com isso é ampliada a consciência e são criadas identidades individuais e coletivas, que também tem como resultado o aumento da consciência individual e social. Neste nível espera-se como resultado, os recursos comunitários acessíveis, a clareza de múltiplas ideias e a presença de acordos organizacionais (PERKINS E ZIMMERMAN, 1995).

A gente aprendeu a fusão do vidro e a técnica de pintar as lâminas de vidro. Aí faz as peças pra colar, anel, brinco, um número enorme de acessórios. Precisa de um forno específico para essa fusão do vidro. De repente se a gente chegar num comum acordo, vamos comprar juntas e começar! (Participante, Criciúma).

A gente da comunidade Aldeia quilombola, a gente é muito melhor, muito melhor. E fico emocionada de ver como a gente melhorou, de como vai melhorar e de como vai buscar. Nas aulas e nas experiências relatadas, a gente colocou nossos pezinhos no chão. Com certeza a gente não vai dar o passo maior que a perna. Vai dar os passos conforme a gente possa trilhar nosso caminho (Participante, Garopaba).

A educação é um elemento fundamental para o empoderamento feminino em todas as classes sociais. Sem educação, as mulheres não conseguem progredir para uma maior participação política e social e tem dificuldades para conseguir empregos melhores, com salários maiores, ou até mesmo, para saírem da informalidade.

Eu quero voltar a estudar porque esse projeto me trouxe muita vontade de voltar a estudar. Eu me imagino indo pra faculdade. É um objetivo que coloquei no meu coração. Não to falando isso só por falar. (Participante, Tubarão).

Poderia ter ficado 100 anos lá fora, o que a gente aprendeu com esse curso, a gente não aprenderia lá fora (Detenta, Chapecó).

Você para, parece que você não é mais ninguém. Trabalhei, comecei com meus 14 anos até os 60 trabalhando. Mas aí ficou muito pesado, pensei está na hora de descansar, viajar. Que engano! Temos que aprender cada vez mais, sempre! (Participante, Gaspar).

Houve uma mudança de perspectiva de vida, pois elas começam a visualizar outras possibilidades, de alguém que tem capacidade para realizar sonhos e ter uma vida melhor, no empoderar-se à nível individual (MAGESTE; MELO; CKAGNAZAROFF, 2008), tendo percepção das suas capacidades para além do que sua consciência compreendia até então. O Programa pôde contribuir para torná-las empreendedoras. Muitas acabam visualizando possibilidades de inserção e participação social a partir de ações comunitárias e da economia solidária, o que contribui para o aumento de sua capacidade produtiva e econômica.

Nessa zona de conforto que a gente acha que não dá, não dá! Acho que é num momento de crise que a gente descobre que a gente é capaz. Porque se a gente vê tudo muito acomodado, a gente não levanta, não se mexe. Eu estava muito em crise antes. Estava muito sem vontade, talvez uma depressão por não ter conseguido, porque a gente chega nos 50 anos é mais difícil encontrar trabalho. Então coloquei tudo junto e disse por que não montar alguma coisa pra mim? Então foi isso que resolvi fazer (Participante - Tubarão).

Comecei devagarinho, comecei a fazer um pão, a fazer dois pães [...]. E Fui em busca dessa nova empreitada. Sei

que não é muito fácil, levantar às 4 da manhã, 3 da manhã, dependendo dos pedidos. Estou em busca. Eu saio pra vender de porta em porta, de loja em loja. Hoje eu estou me sentindo muito bem. Não tenho tempo pra depressão, não tenho tempo pra tristeza (Participante - Criciúma).

Eu sou meio tímida e com esse curso estou bem animada, fiz até os produtos, já trouxe hoje. Eu aprendi a focar. Porque nós tivemos aulas aqui disso, professores maravilhosos. Marketing, como expor a sua marca. Eu não tinha coragem. Hoje eu fiz meu produto e está ali, meio tímida mas fui eu que fiz! (Participante – Gaspar).

Ao final de mais uma edição do Programa Mulheres SIM, reforça-se a percepção da importância da continuação dos projetos, de como o curso é encarado como um momento acolhedor por todas as mulheres e de como ele impacta positivamente na vida de todas. Dentre os principais resultados advindos do Programa estão a elevação da autoestima e o reconhecimento e a valorização das potencialidades das mulheres, enquanto sujeitos políticos e de direito. Com o auxílio do processo didático-pedagógico as alunas ganham subsídios e ferramentas para buscarem viver com mais qualidade de vida, para lutarem por melhores oportunidades profissionais etc. Juntas, aprendem a melhor lidar com suas inseguranças, dúvidas, angústias, medos e fraquezas. Nos termos de Freire, em comunidade são empoderadas para exercerem resistências as estruturas opressivas e violentas de poder. Ao vivenciarem esta experiência pedagógica da emancipação, procuram ressignificar seus sonhos e seus espaços de ação ante os desafios do Brasil atual.

Considerações finais

Este estudo estabeleceu como objetivo geral analisar o programa de extensão Mulheres Sim desenvolvido pelo Instituto Federal de Santa Catarina como prática de empoderamento. Para isso, foram descritas as especificidades do programa Mulheres Sim e identificado os elementos relevantes que o caracterizam.

Para atingir a descrição do Programa Mulheres Sim foi efetuado a identificação de demanda, seu objetivo

e metas, metodologia, justificativa, dados do Edital de 2017, composição dos quatro projetos, dados do projeto pedagógico, relatos de experiências dos coordenadores dos dez campus contemplados e alguns depoimentos das alunas do curso. Posteriormente, esta descrição deu suporte à identificação das características de empoderamento existentes no programa.

No aprofundamento da pesquisa foi empreendida uma analítica da noção de empoderamento. Apesar dos distintos sentidos atribuídos ao termo, ficou claro que a visão paulofreiriana melhor traduziu o fenômeno do processo pedagógico de empoderamento das mulheres no Brasil atual, bem como os desafios por elas vivenciados. Assim, vários elementos da construção da autonomia dos sujeitos, por meio de um processo de empoderamento individual e coletivo, puderam ser verificados nos projetos do IFSC.

Desta forma, o Programa Mulheres Sim, desenvolvido por meio do Curso Educação e Gênero ou Geração de Renda, Tecnologia e Valorização do Trabalho Feminino, associado aos projetos Feira de Economia Solidária, Ciclo de Palestras e Oficinas e Acompanhamento de Egressas viabilizou uma formação de conhecimentos formais e não formais, econômicos, políticos e sociais. Ficou evidenciado no estudo que o Programa oportunizou a existência de espaços de troca de experiências de vida das mulheres. Estes espaços de interação permitiram que as mulheres contassem e reelaborassem as suas histórias de vida e aprimorassem seus conhecimentos. O conhecimento adquirido pelo Programa foi socializado com familiares e com a comunidade, o que auxiliou na busca coletiva por ampliação na qualidade de vida. Dentre os resultados materializados no Projeto é possível indicar: o sucesso com a venda dos produtos, o crescimento pessoal e profissional, o despertar do valor pelo estudo, o aumento da autoestima, a maior inserção no mundo do trabalho, o reconhecimento individual e coletivo de direitos e a consciência crítica sobre as desigualdades de poder e as injustiças sociais.

Os Projetos também contribuíram na ampliação da capacidade de melhorar a qualidade de vida dessas mulheres enquanto sujeitos econômicos e de direitos em condições de igualdade no meio em que estão inseridas. Isto é, como revelado nas entrevistas muitas mulheres passaram a tomar decisões com maior autonomia e liberdade. O protagonismo das mulheres ficou evidenciado em ações como: aumento da capacidade de gerar renda, vontade de aprofundar os estudos e de proporcionar melhor formação aos seus filhos, reivindicar a inclusão digital.

Como limites, constatou-se que os cursos propiciados pelo Programa são curtos. A inexistência de um plano

de continuidade pode comprometer parte dos avanços conquistados com o Programa. Como indicado, o processo de empoderamento exige continuamente renovação para assegurar que o jogo de forças não volte a mostrar novamente as relações de dominação e seus efeitos nocivos. (ROMANO, 2002).

O Programa Mulheres Sim pôde ampliar a condição de agente social das alunas, proporcionando um grau de empoderamento por conferir cidadania àquelas em situação de grande vulnerabilidade social. Existe a necessidade de que o vínculo com estas mulheres seja mais duradouro para que os resultados sejam mais efetivos, visto que o empoderamento é um processo longo e contínuo. O programa propicia uma formação para a cidadania que é obtida por meio da metodologia do curso, uma vez que as mulheres interagem umas com as outras e adquirem novas capacidades. Os cursos com duração de poucos meses ofereceram uma formação humana para essas mulheres que puderam, num curto período, reunir elementos para reelaborarem suas visões de mundo.

É notória a atuação potencializadora do Programa Mulheres SIM no processo de empoderamento dessas mulheres. Por meio de uma educação social, criou condições para a consolidação de valores e práticas emancipatórios entre as mulheres participantes. Nessa perspectiva, empoderar-se envolve um processo dinâmico e as mulheres vivenciaram esse dinamismo no cotidiano levando em consideração seus contextos e desafios de vida. Apesar dos limites do estudo em mensurar precisamente esta experiência pedagógica, ficou evidenciado nas falas das entrevistadas o despertar (subjetivo, intersubjetivo e social) para um processo de recriação de si mesmas, gerador de maior nível de empoderamento.

Por fim, esta pesquisa limitou-se ao caso do projeto de extensão Mulheres Sim de 2017 (quarta edição). Embora alinhado com a literatura existente, o estudo representa um caso específico. Assim, sugerem-se novas pesquisas sobre outras edições do Programa, sobre os projetos de extensão em outros agentes de empoderamento, em organizações da sociedade civil, em movimentos sociais e outros órgãos do governo para que a contribuição e o auxílio aos atores de empoderamento sejam significativamente ampliados.

Referências

- ANTUNES, M. O caminho do empoderamento na superação da pobreza: o caso das quebradeiras de coco e trabalhadores(as) rurais da área de atuação da Assema. Rio de Janeiro, Dissertação (Mestrado em Desenvolvimento, Agricultura e Sociedade), Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, 2003.
- BARROSO, Carmen. Millennium development goals, education and gender equality. Caderno de Pesquisas, São Paulo, v. 34, n. 123, Sect. Dec.2004.
- BATLIWALA, Srilatha. El significado del empoderamiento de las mujeres: nuevos conceptos desde la acción. In: LEÓN, Magdalena (org.). Poder y empoderamiento das mujeres. TM Editores, Santa Fe de Bogotá, 1997, pp. 187-211.
- BARDIN L. Análise de conteúdo. São Paulo: Edições, 2011.
- CASAGRANDE, Jacir L.; PATRÍCIO, Zuleica M. Comunidade Orgânica no Trabalho: estratégia para a vida saudável do trabalhador e da organização. Curitiba, CRV. 2010.
- CASTRO, Luciana M. C.. A universidade, a extensão universitária e a produção de conhecimentos emancipadores. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 27, Caxambu, 2004. Anais... Caxambu: ANPED, 2004.
- CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes. 3 ed. Porto Alegre: ARTMED, 2010.
- DEERE, Carmen D.; LÉON, Magdalena. O Empoderamento da Mulher: direitos à terra e direitos de propriedade na América Latina. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002.
- FLICK, Uwe. Introdução a pesquisa qualitativa. 3 ed. – Porto Alegre: Artmed, 2009.
- FORPROEX - FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS. 2012. Plano Nacional de Extensão Universitária. Rio de Janeiro: Forproex, 2012. Disponível em: <https://www.ufmg.br/proex/renex/images/documentos/Plano-nacional-de-extensao-universitaria-editado.pdf>. Acesso em: 13 maio 2017.
- FRANÇA, L.G. Políticas públicas no Brasil desde o enfoque dos direitos humanos: breve estudo sobre a perspectiva da igualdade de gênero. Rev. Diálogos Possíveis, ano 14, n.2, p.43-52, 2015.
- FREIRE, P. Educação como prática da liberdade. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- FREIRE, P. Education for critical consciousness. New York: Continuum. 1981.
- GOHN, M. G. Empoderamento e participação da comunidade em políticas sociais. Saúde e Sociedade v.13, n.2, p.20-31, 2004.
- HAIR JR., J.F.; BABIN, B.; MONEY, A.H.; SAMOUEL, P. Fundamentos de métodos de pesquisa em administração. Porto Alegre: Bookman, 2005.
- HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; Empoderamento: definições e aplicações. In: ENCONTRO ANUAL DA ANPOCS, 30, 2006, Caxambu. Anais... Caxambu: Anpocs, 2006. p. 1-29.
- HOROCHOVSKI, Rodrigo R.; MEIRELLES, Giselle. Problematizando o conceito de empoderamento. In: SEMINÁRIO NACIONAL MOVIMENTOS SOCIAIS, PARTICIPAÇÃO E DEMOCRACIA, 2., 2007, Florianópolis. Anais... Florianópolis: UFSC, 2007.
- ROMANO, J. O.; ANTUNES, M. (org.). Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 21-44.
- JULIANI, D. P. Framework da cultura organizacional nas universidades para a inovação social. 2015. 213 f. Tese (Doutorado em Engenharia e Gestão do Conhecimento)- Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- LEÓN, Magdalena de. El empoderamiento de las mujeres: Encuentro del primer y tercer mundos en los estudios de género. La Ventana, no. 13, pp.94-106, 2001.
- LISBOA, Teresa K.. Gênero, classe e etnia: trajetórias de vida de mulheres migrantes. Florianópolis: Ed. Da UFSC; Chapecó: Argos, 2003.
- LISBOA, Teresa K. O empoderamento como estratégia de inclusão das mulheres nas políticas sociais. In: Fazendo Gênero 8- Corpo, Violência e Poder. Florianópolis, agosto de 2008.
- LISBOA, Tereza K.; MANFRINI, Daniele B.. Cidadania e equidade de gênero: políticas públicas para mulheres excluídas dos direitos mínimos. Revista Katalysis, Florianópolis, n. 1, jan. 2005.
- MAGESTE, G. S.; MELO, M. C. O. L.; CKAGNAZAROFF, I. B. Empoderamento de mulheres: uma proposta de análise para as organizações. In:

- ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5, 2008, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Anpad, 2008.
- MARTINS, Clitia H. B. Trabalhadores na reciclagem do lixo: dinâmicas econômicas, socioambientais e políticas na perspectiva de empoderamento. Tese (doutorado). Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Programa de Pós-Graduação em Sociologia, 2003.
- MIRANDA, C. M. S.; SILVEIRA, A. S.; HOELTGEBAUM, M. Empreendedorismo Feminino: Características das Gestoras em uma Instituição de Ensino Superior. In: ENCONTRO DE ESTUDOS ORGANIZACIONAIS, 5, 2008, Belo Horizonte. Anais... Belo Horizonte: Anpad, 2008.
- NICHOLSON, Linda; SOARES, Luiz F. G.; COSTA, Claudia de L.. Interpretando o gênero. Estudos feministas, p. 9-41, 2000. Disponível em: <<http://www.jstor.org/stable/43596547>>. Acesso em: 16/05/2017.
- ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE. Glossary of health promotion terms. Geneva: World Health Organization/Division of Health Promotion, Educations and Communications/Health Education and Health Promotion Unit, 1998.
- ONU. Organização das Nações Unidas. Disponível em: <https://nacoesunidas.org/pos2015/> Acesso em: 13/02/2018.
- PERKINS, D.D.; ZIMMERMAN, M.A. Empowerment meets narrative: listening to stories and creating settings. American Journal of Community Psychology. Out. v. 23, n. 5, p. 569-79, 1995.
- RICHARDSON, Roberto J.. Pesquisa social: métodos e técnicas. São Paulo: Atlas, 1999.
- RICH, R.C. et al. Citizen participation and empowerment. American Journal of Community Psychology. Oct. v. 23. n. 5. p. 657-76, 1995.
- RODRIGUES, João Bartolomeu; ALMEIDA, Antonia Rosa. A filosofia do direito e o lugar o discurso feminino na construção da igualdade de gênero. Itinerários de Filosofia da Educação, v. 13, p. 138-143, 2015.
- RODRIGUES, C.H.R.; SANTOS, F.C.A. *Empowerment*: estudo de casos em empresas manufatureiras. **Gestão e Produção**, São Carlos, SP, v. 11, n. 2, p. 263-274, 2004.
- ROSEMBERG, Fúlvia. Educação infantil e relações raciais: a tensão entre igualdade e diversidade. Cadernos de pesquisa, v. 44, n. 153, p. 742-759, 2014.
- ROMANO, J. O. Empoderamento: recuperando a questão do poder no combate à pobreza. In: ROMANO, J. O.; ANTUNES, M. (org.) Empoderamento e direitos no combate à pobreza. Rio de Janeiro: ActionAid Brasil, 2002. p. 9-20
- _____. Desigualdade reexaminada. Rio de Janeiro; São Paulo: Record, 2001.
- SEN, Amartya. Desenvolvimento como Liberdade. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- SPREITZER, G.M. An empirical test of a comprehensive model of intrapersonal empowerment in the workplace. American Journal of Community Psychology. Oct. v. 23. n. 5. p. 601-29, 1995.
- STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- TANURE, Betânia; NETO, Antonio Carvalho e ANDRADE, Juliana Oliveira. A Super Executiva às voltas com Carreira, Relógio Biológico, Maternidade, Amores e Preconceitos. In: ENANPAD, 30, 2006, Salvador. Anais... Salvador: Enanpad, 2006.
- TAVOLARO, P.; PEREIRA, I.M.B.; PELICIONI, M.C.F.; OLIVEIRA, C.A.F. Empowerment como forma de prevenção de problemas de saúde em trabalhadores de abatedouros. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo, v. 41, n. 2, 2007.
- TRIVIÑOS, A.N.S. Introdução à pesquisa em Ciências Sociais: a pesquisa qualitativa em educação – o positivismo, a fenomenologia, o marxismo. São Paulo: Atlas, 1987.
- VALOURA, L.C. **Paulo Freire, o educador brasileiro autor do termo empoderamento, em seu sentido transformador**. Disponível em: http://www.fatorbrasil.org/arquivos/Paulo_Freire. Acesso em: 20 abr. 2008.
- YIN, K, Robert. Estudo de Caso: Planejamento e métodos. Porto alegre: Bookman, 2015.
- YOUNG, K. Planning development with womem: making a world of difference. Macmillan: London, 1993.
- ZORZI, Analisia. Uma análise crítica da noção de empoderamento com base no acesso das agricultoras ao Pronaf mulher em Ijuí-Rs. 2008.137 p. Dissertação (Mestrado) Programa de Pós-Graduação em Sociologia do Instituto de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul- Porto Alegre, 2008.

ZIMMERMAN, M. A. Taking aim on empowerment research: On the distinction between individual and psychological conceptions. *American Journal of Community Psychology*, 18, 169-177, 1990.